

FRANCISCO, Papa. **Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor.** Tradução de Austen Ivereigh. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. 160p. ISBN: 978-65-5560-125-1.

Gabriel Nogueira Linhares Marquim \*

Uma das cenas mais marcantes do pontificado de Francisco, até este momento, sem dúvidas, é a sua breve caminhada pela praça de São Pedro, vazia, subindo até à basílica, diante dos holofotes e das dezenas de câmeras que transmitiam, para todo o mundo, a bênção *Urbi et Orbe*<sup>1</sup>, em caráter extraordinário. Extraordinário por ser inédito e histórico. Poucos dias depois, o papa fazia algumas observações sobre aquele início de tempos pandêmicos com o escritor e jornalista britânico, Austen Ivereigh, e foi justamente dessa maneira, quase despretensiosa, que surgiu o livro aqui apresentado.

A obra é um relato privilegiado deste tempo que, infelizmente, ainda não passou e, além disso, oferece uma espécie de roteiro de como Francisco compreende os tempos de crise que, de resto, perseguem o seu pastoreio desde os tempos de superior jesuíta na Argentina. Na realidade, aqueles que acompanham mais de perto a sua biografia percebem que este é um líder habituado aos conflitos.

De fato, o objetivo do livro é refletir sobre os desdobramentos da pandemia da covid-19 na vida das pessoas e dos sistemas de governo, mas também na cultura e na religião. No entanto, como demonstraremos mais adiante, Francisco

---

Resenha recebida em 28 de maio de 2021 e aprovado em 20 de dezembro de 2021.

\* Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Prof. da UNINASSAU. País de Origem: Brasil. E-mail: gmarquim@gmail.com

<sup>1</sup> Urbi et Orbe significa “à cidade e ao mundo”. Trata-se de uma bênção dada pelo papa na Páscoa e no Natal, quando ele se dirige aos fiéis e ao público em geral, na Praça de São Pedro, no Vaticano.

não deseja apenas diagnosticar, mas sobretudo apresentar caminhos alternativos para uma crise que, segundo ele, foi evidenciada com o vírus, mas que lhe era anterior.

As conversas entre Francisco e Ivereigh aconteceram entre os meses de junho e agosto de 2020, dado importante para compreendermos o contexto em que aquelas reflexões se deram. No início, o jornalista fazia as perguntas e o papa respondia com gravações, o que foi crescendo com o intercâmbio também de artigos e outras referências, inclusive poesias. A ideia era estruturar o livro a partir do clássico tripé “ver, julgar, agir”, o que foi reformulado por Francisco, tornando-se “contemplar, discernir e propor”, ainda que o método fosse basicamente o mesmo. No entanto, também isso oferece pistas de como o papa está plasmado por uma lógica inaciana, que contempla mais do que analisa friamente, discerne mais do que escolhe, propõe mais do que age de forma voluntarista.

É preciso destacar, além disso, a procura de Francisco em compreender a realidade pandêmica a partir de duas óticas: espiritual e política, o que, em seu pensamento, fazem parte de uma lógica unificada. Durante todo o texto, o papa procura interpretar e tirar motivações espirituais para incidir politicamente na sociedade.

Tendo dito isso, passemos a observar os principais argumentos dos três capítulos da obra.

No primeiro deles, intitulado “tempo de ver”, Francisco procura descortinar como ele percebe a crise que se abateu sobre o mundo com a proliferação da covid-19. Para ele, não é possível entender de maneira adequada a conjuntura atual sem se debruçar sobre a situação anterior. Na realidade, não se trataria de uma questão pontual, mas do desencadeamento de toda uma lógica subjacente à nossa realidade das últimas décadas, pelo menos, e que o papa chama de “mito da autossuficiência”:

Esse sussurro ao pé do ouvido que nos diz que a terra existe para ser explorada; que os outros existem para satisfazer as minhas necessidades; que o que temos e o que nos falta é o que nós – e os outros – merecemos; que o meu prêmio é a riqueza, mesmo que isso implique que o destino inevitável de outros seja a pobreza. (p. 20).

Segundo ele, essa falaciosa autossuficiência se desdobraria em três caminhos nefastos: o narcisismo, o desânimo e o pessimismo. Em relação ao primeiro, o perigo está em apegar-se à própria imagem e fazer de tudo para conquistar os próprios projetos. O segundo faz com que haja um queixume permanente, incapaz de valorizar a gratuidade e o comunitário, levando à tristeza. Por fim, o pessimismo, que fecha a porta para o futuro, por medo daquilo que é novo. É dessa maneira que, segundo o papa, somos arrastados por um movimento que acaba escolhendo “as ilusões que disfarçam a realidade, em vez de descobrir tudo o que somos capazes de realizar” (p. 22).

A partir daí, o pontífice elenca uma série de fatos que evidenciam todos os problemas advindos dessa lógica, como o aquecimento global, a miséria e a fome, o racismo e também os casos de abusos de menores por parte de sacerdotes católicos, chegando, inclusive, a criticar as pessoas que questionavam a necessidade do uso de máscaras para a prevenção da proliferação do vírus, chamando-as de “vítimas apenas na própria imaginação”:

Você nunca verá essas pessoas num protesto pela morte de George Floyd, ou se manifestando porque em algumas *villas miseria* as crianças não têm água ou educação, ou porque há famílias inteiras que perderam sua fonte de renda. Você não as verá protestando pelas espantosas quantias que, gastas no comércio de armas num só ano, poderiam ser usadas para alimentar toda a humanidade e dar acesso à educação a todas as crianças. Não, contra isso não protestam; são incapazes de enxergar fora do seu mundinho de interesses. (p. 34, grifo do autor).

O papa se refere também a padres e leigos que “transformaram em uma batalha cultural o que na realidade se tratava de um esforço para garantir a proteção à vida” (p. 35). Tudo isso, segundo ele, foi evidenciando a nossa grande vulnerabilidade, travestida de falsas seguranças, o que explica a necessidade de repensarmos a condução de nossas ações. O próprio pontífice afirma que procura proteger-se dos defeitos que tinha quando era superior da Companhia de Jesus na Argentina, sobretudo a sua dureza e ausência de escuta dos seus pares.

Trabalhando os seus argumentos, Francisco explora, no segundo capítulo do livro, os critérios para um bom discernimento e consequente escolha. Para ele, o tempo de provação é um momento, sobretudo, de avaliação, de distinguir os bons dos maus caminhos, sendo possível a escolha dos primeiros enquanto se evitam os segundos. O risco, segundo ele, é sempre de fechar-se em concepções rígidas e resistentes à avaliação e à mudança, mas também de cair em um relativismo que impossibilita os caminhos duradouros.

Nesse sentido, o papa volta a defender um dos princípios mais importantes do seu pensamento: a unidade deve prevalecer sobre o conflito, ou seja, as oposições, apesar de existirem, devem ser superadas por meio, segundo ele, do transbordamento. Essas ideias, inclusive, já haviam sido trabalhadas em duas de suas exortações apostólicas: a *Evangelii Gaudium* e a Querida Amazônia. Na prática, o que se propõe é que, diante de uma realidade boa e outra ruim, escolhasse a boa. No entanto, quando isso não é tão evidente, quando se trata um discernimento em que dois aspectos bons estão em oposição, defende Francisco, o caminho correto é o do transbordamento. Ou seja, superar as oposições, apostando, não em uma mera síntese ou aniquilamento de uma parte, mas na procura de uma compreensão maior, que exceda as polarizações.

Para evidenciar isso de maneira muito concreta, o papa explica os conflitos que ele tem observado em alguns dos sínodos que tem convocado, em Roma. Para ele, existe uma oposição permanente entre tradicionalistas e inovadores, que se digladiam em busca de hegemonia.

Alguns participantes assumiam rapidamente posições rígidas, que denunciavam uma obsessão pela pureza da doutrina, como se ela estivesse ameaçada e eles fossem seus guardiães. Outros insistiam em critérios vanguardistas, que não eram condizentes com o Evangelho e a Tradição. (p. 95).

Nesses casos, para o papa, mais do que conservadores ou reformadores, é preciso apelar para os “reconciliadores” e “mediadores”, que deem início a processos, que se preocupem menos em definir categórica e absolutamente, e mais em “suportar o desacordo, e transformá-lo em elo de um novo processo” (p. 87). Se isso serve para os percalços eclesiais, o mesmo vale para os agentes civis:

Pensemos nos governos que têm de tomar decisões no meio da pandemia. O que é mais importante: cuidar das pessoas ou fazer com que a economia não pare? Cuidamos das pessoas ou as sacrificamos no altar da bolsa de valores? Interrompemos as engrenagens que geram riqueza, conscientes de que as pessoas sofrerão, embora assim salvemos vidas? Em alguns casos, os governos não foram capazes de compreender a magnitude desta doença ou não contaram com os recursos necessários. Esses governos hipotecaram o próprio povo. As decisões que tomaram puseram à prova suas prioridades e deixaram expostos seus valores. (p. 8-9).

Vale ressaltar, aqui, a decisiva influência que Romano Guardini (1996) exerceu sobre o pensamento de Bergoglio na compreensão das polarizações, quando de suas pesquisas na Alemanha para o doutorado, que ficou inconcluso. Isso está explicitado no livro. Em sua pesquisa, Borghesi (2018) explica que o contato com a obra de Guardini foi decisiva para a reavaliação que Francisco fez de seus tempos difíceis como superior jesuíta, reformulando seus princípios pastorais.

Avançando para o terceiro capítulo, o papa expõe as diretrizes daquilo que ele compreende como uma espécie de plano de ação, focado, principalmente, em uma lógica de pertencimento, quando os individualismos são superados, e se torna possível a emersão da comunhão, do coletivo.

Assim, ao contrário do discurso neoliberal de que a propriedade é um valor absoluto, Francisco, ainda que reconheça o seu direito inalienável, propõe que se volte a discutir a propriedade a partir de sua função social, do seu destino mais universal. Portanto, para ele, os recursos naturais, os bens e todos os meios de produção precisam ter, como horizonte, o benefício da coletividade, e não de uma minoria.

Nessa direção, Francisco elenca questões como escravidão, pena de morte, aborto e eutanásia, alertando para a necessidade, segundo ele, de romper com visões parciais sobre os direitos humanos, e promovendo uma dinâmica social em que a vida, em seus mais variados aspectos, seja valorizada. É nesse contexto que o papa se percebe criticado por todos os lados, quando assume posições que não agradam unanimemente a um mesmo grupo.

Para dar uma resposta a esses desafios, o pontífice convida a Igreja a abrir “mais as suas portas aos movimentos populares”. “Espero que todas as dioceses

do mundo colaborem de forma contínua com eles, como alguns já fazem. Mas o meu papel e o da Igreja é acompanhá-los, sem ser paternalista” (p. 132). Vale fazer memória, inclusive, da carta que o próprio Francisco (2020) escreveu a esses movimentos durante a pandemia, convidando-os a assumirem o protagonismo da reconstrução depois da “tempestade”, como ele chama este tempo.

Usando a expressão desses mesmos grupos, o papa visualiza um mundo melhor se os “três Ts” forem buscados: terra, teto e trabalho. É nesse tripé que, segundo ele, os povos precisam colocar os seus esforços, caso haja o desejo de se promover uma maior fraternidade. É por isso que, de forma muito concreta, Francisco adverte:

Se você tem um fraco por restaurantes finos, carros de luxo e outras coisas do gênero, não se meta em movimentos populares nem na política (nem, por favor, no seminário). Um estilo de vida sóbrio, humilde, dedicado ao serviço, vale muito mais do que milhares de seguidores nas redes sociais. (p. 139).

Ainda que essas três partes sejam o núcleo da obra aqui resenhada, vale recomendar a leitura do prólogo e epílogo, feitos pelo papa, e o “pós-escrito”, redigido por Iveireigh. As três, ainda que mais curtas, oferecem chaves de leitura muito importantes para se compreender o ambiente em que a obra foi concebida e pistas de como aproveitar melhor a sua leitura, bem como indicações de aprofundamento.

Para isso, é importante destacar a biografia do papa escrita por Austen Iveireigh (2015), tida como uma referência no estudo de Bergoglio, e de como a sua história oferece argumentos interessantes para compreender o seu pontificado.

Papado que está, por força de seu cargo, marcado na História. Porém, para além disso, ficará registrado como mais um desses pontífices que tiveram uma repercussão muito além de religiosa e confessional. O pensamento de Francisco, e isso está profundamente marcado no livro, é capaz de articular de maneira unificada aquilo que é visto como oposição. Como dissemos no início desta resenha, espiritualidade e política são duas vertentes que, apesar de seus conflitos, conversam de maneira equilibrada – ou transbordada, ele preferiria – no discurso do papa.

Somente assim seria possível sair desse labirinto, como ele define este tempo que vivemos: descentrando-nos e transcendendo-nos.

No mito grego, Ariadne dá a Teseu um novelo, para que ele consiga se guiar e sair do labirinto. O novelo que nos foi dado é a nossa criatividade para superar a lógica do labirinto, para nos descentrarmos e transcendermos. (FRANCISCO, 2020, p. 146).

Francisco, o livro aqui apresentado, mostra, articula em todo momento oposições no seu discurso, quase dando ordem ao que parece caótico. Talvez, justamente por isso, sua figura atraia tantos olhares, porque oferece caminhos para um mundo profundamente polarizado.

## REFERÊNCIAS

BORGHESI, Massimo. **Jorge Maria Bergoglio**: uma biografia intelectual: dialética e mística. Petrópolis: Vozes, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Carta do papa Francisco aos movimentos populares**. Cidade do Vaticano, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco\\_20200412\\_lettera-movimentipopolari.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2020/documents/papa-francesco_20200412_lettera-movimentipopolari.html). Acesso em 26 mai. 2021.

GUARDINI, Romano. **El contrate**: ensayo de una filosofía de lo viviente-concreto. 1. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.

IVEREIGH, Austen. **Francisco, o grande reformador**: os caminhos de um papa radical. Tradução de Maria da Fé Peres. Braga: Vogais, 2015.